

Panorama

UFCSPA

Da pesquisa científica à diretriz oficial

Na imprensa e nas redes sociais, diferentes “verdades” sobre saúde surgem e desaparecem a todo momento. Afinal, como os diferentes tipos de estudos científicos geram informações confiáveis para orientar a atuação dos profissionais e os hábitos da população?

pp. 6 e 7

HIV/AIDS

Parceria entre OPAS e UFCSPA qualifica atendimento de pacientes
p. 3

ROTULAGEM

A importância da atenção a alergias e intolerâncias aos alimentos
pp. 4 e 5

RANKINGS

Como é feita a avaliação das universidades no Brasil?
pp. 10 e 11

PUBLICAÇÃO

Um atlas criado para facilitar a vida dos estudantes da saúde
p. 12

Editado pela Ascom – Assessoria Especial de Comunicação Social da UFCSA
Rua Sarmiento Leite, 245, prédio 1, sala 500B
Porto Alegre, RS, Brasil CEP 90050-170
Telefone: (51) 3303-8754

comunicacao@ufcsa.edu.br
facebook.com/UFCSA
twitter.com/UFCSA
youtube.com/UFCSA
instagram.com/UFCSAoficial
linkedin.com/school/ufcsa

Reitora
Jenifer Saffi

Vice-Reitor
Rafael José Vargas Alves

Chefe de Gabinete
Márcia Giovenardi

Pró-Reitora de Graduação
Marilu Fiegenbaum

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
Aline de Souza Pagnussat

Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários
Luís Henrique Telles da Rosa

Pró-Reitor de Planejamento e Administração
Magno Carvalho de Oliveira

Pró-Reitora de Infraestrutura
Evelise Fraga de Souza Santos

Pró-Reitora de Gestão com Pessoas
Ana Cláudia Souza Vazquez

Coordenadora da Assessoria Especial de Comunicação Social
Janine Bargas

PANORAMA UFCSA

Jornalismo
Janine Bargas
José Antônio Leal
Márcia Schmitt Veronezi Cappellari

Jornalismo em Cultura
Lisiane Wandscheer

Fotos
Luciano Amaro Junqueira Valério

Projeto Gráfico e Diagramação
Eduardo Coimbra Farias

Esta edição inédita do Panorama UFCSA reafirma a nova orientação do informativo: a divulgação científica como guia principal, com o foco especial no público leigo que busca compreender melhor os temas relacionados à saúde. A mudança reforça o compromisso do Panorama em tornar acessível o conhecimento produzido na Federal da Saúde, aproximando a ciência da população.

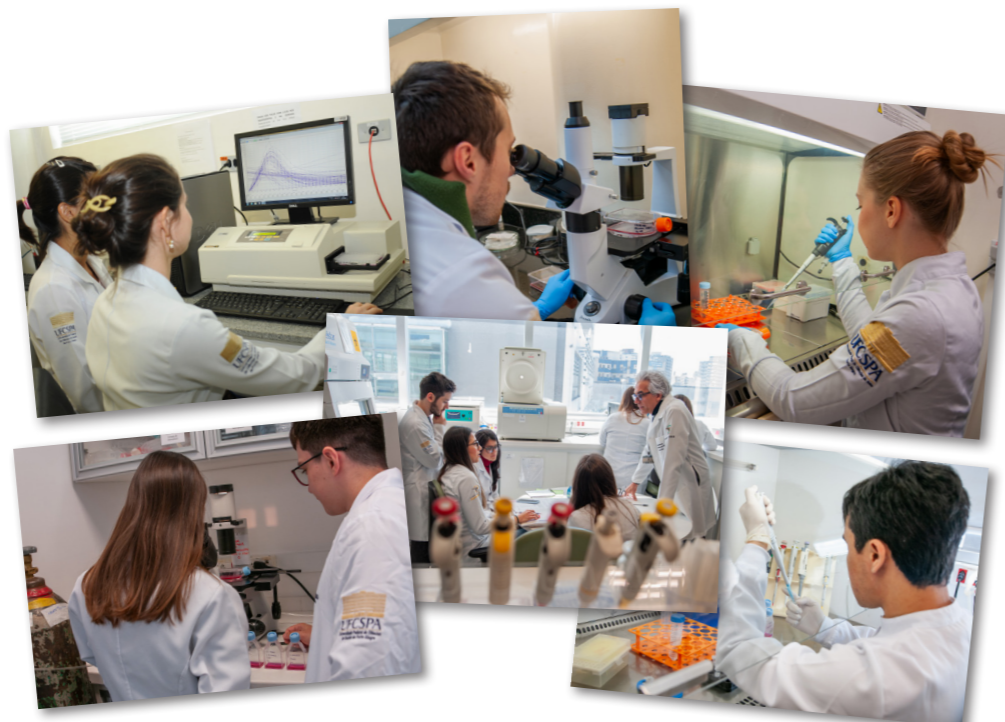
Neste número, a pesquisa científica é o fio condutor das matérias, esclarecendo como diferentes tipos de estudos produzem informações confiáveis para orientar tanto profissionais quanto a sociedade em geral. Um olhar atento sobre as “verdades” que circulam na imprensa e nas redes sociais destaca a importância de uma informação fundamentada e rigorosa.

Entre os destaques, estão a parceria entre Organização Pan-Americana da Saúde e UFCSA para qualificar o atendimento de pacientes com HIV/AIDS, a atenção à rotulagem de alimentos voltada para alergias e intolerâncias, e uma explicação sobre os critérios dos rankings das universidades brasileiras. Também apresentamos um atlas de histologia criado especialmente para facilitar o aprendizado dos estudantes da saúde.

Produzido com o apoio do corpo acadêmico da UFCSA, este Panorama é mais um passo para consolidar o papel da universidade como fonte confiável e acessível de informação científica.

Aproveite a leitura!

Equipe da Assessoria Especial de Comunicação Social



FOTOS: LUCIANO VALEIRO

Parceria entre UFCSA e OPAS fortalece combate ao HIV/Aids

Cooperação viabiliza pesquisas, capacitações e políticas públicas efetivas no Rio Grande do Sul

A ampliação do acesso ao diagnóstico e tratamento de infecções oportunistas em pessoas com HIV/Aids avançada tem mobilizado esforços conjuntos entre a UFCSA e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Desde 2019, a parceria tem proporcionado avanços como a implementação de testes rápidos para tuberculose, criptococose e histoplasmose em serviços de saúde da capital gaúcha, beneficiando diretamente a rede de atenção local.

O acordo firmado entre as instituições prevê a realização de pesquisas em doenças infecciosas, formação continuada de profissionais e diversas colaborações técnicas. “Essa foi uma parceria entre a OPAS e a Universidade,

onde nós, em diferentes hospitais do Brasil, rastreamos pacientes com HIV avançado com testes diagnósticos para doenças oportunistas”, destaca o professor Alessandro Pasqualotto.

O impacto imediato dessa cooperação ficou evidente no fortalecimento da atenção e na adaptação de políticas públicas municipais. O secretário de saúde de Porto Alegre, Fernando Ritter, explica: “A parceria resultou em uma pesquisa que foi fundamental para fazermos um diagnóstico sobre a situação do cuidado de pessoas com HIV/Aids no município. Isso permitiu a gente tomar algumas decisões importantes para introduzir políticas públicas para

melhorar esses resultados”.

A renovação do acordo em 2024 amplia o horizonte da colaboração, com a perspectiva de expansão para temas como saúde mental e câncer. Para a reitora Jenifer Saffi, a continuidade do projeto é indispensável: “A continuidade dessa parceria, desse projeto, ela é fundamental para que a gente possa avançar no fortalecimento do nosso Sistema Único de Saúde e contribuir com evidências científicas para a melhoria da saúde do nosso estado aqui do Rio Grande do Sul e também do nosso país”. ■

Acesse o vídeo da OPAS em:



Por que é fundamental respeitar as intolerâncias e alergias alimentares no preparo de alimentos?

Contaminação cruzada em ambientes e problemas de rotulagem podem acabar provocando sérios problemas para os consumidores

Por Márcia Veronezi

No último mês, ganhou destaque na mídia o caso de uma empresa gaúcha que foi autuada por comercializar produtos supostamente isentos de glúten, mas que continham ingredientes com essa substância. A situação levantou alertas sobre a importância da rotulagem correta de alimentos e dos riscos que erros desse tipo podem causar à saúde da população com restrições alimentares.

Diante disso, o Panorama UFCSPA conversou com a professora Tiffany Prokopp Hautrive, do curso de Nutrição da UFCSPA, sobre rotulagem, alergias, intolerâncias e os cuidados que consumidores e produtores devem ter com alimentos destinados a pessoas com condições específicas de saúde. A seguir, a entrevista completa.

Panorama UFCSPA: Qual a importância de se colocar no rótulo dos produtos cada ingrediente utilizado da forma mais fidedigna possível?

Profa. Tiffany: Cada ingrediente utilizado na elaboração de um alimento deve constar no rótulo da embalagem. Essa informação permite ao consumidor conhecer a composição dos produtos adquiridos e conseguir realizar escolhas, optando por alimentos mais saudáveis, com menos adição de aditivos alimentares, açúcar adicionado, sódio e gordura saturada. Além disso, indivíduos com alergias, intolerâncias ou restrições alimentares podem identificar substâncias que possam ser prejudiciais à sua saúde.

A omissão de ingredientes pode levar a reações alérgicas graves e desconfortos gastrointestinais. É importante lembrar que os ingredientes aparecem na lista em



ordem decrescente, ou seja, da maior quantidade para a menor, com exceção dos aditivos alimentares, que sempre devem aparecer no final. Dessa forma é possível identificar e evitar aqueles que contêm açúcar, sódio ou gordura entre os primeiros ingredientes da lista.

Panorama UFCSPA: Qual o risco para celíacos de alimentos com contaminação cruzada ou que utilizem ingredientes com glúten, mesmo em baixa quantidade, como no caso da empresa autuada recentemente por utilizar fermento

com glúten em doces supostamente sem glúten?

Profa. Tiffany: A doença celíaca é uma condição autoimune desencadeada pela ingestão de glúten, que é uma proteína encontrada em alguns cereais. Para indivíduos celíacos, a ingestão de alimentos que contenham glúten, mesmo em quantidades mínimas, como as encontradas na contaminação cruzada, acarreta uma resposta do organismo, uma atrofia das vilosidades do intestino delgado. Isso compromete a absorção de nutrientes, resultando em deficiências

nutricionais que a longo prazo reflete em anemia, osteoporose e outros problemas de saúde. Ainda, pode causar uma variedade de sintomas agudos como dor abdominal, diarreia, vômitos, fadiga e lesões cutâneas. A exposição contínua, mesmo a pequenas quantidades, pode levar a sintomas crônicos e persistentes, comprometendo significativamente a qualidade de vida. A exposição persistente ao glúten em celíacos não tratados ou com manejo inadequado pode aumentar o risco de infertilidade, neuropatia periférica e até mesmo certos tipos de câncer, como o linfoma intestinal.

O caso de uma empresa autuada por usar um ingrediente com glúten é um exemplo preocupante da falta de comprometimento na produção de alimentos para celíacos. É uma violação grave da confiança do consumidor e das diretrizes de saúde, colocando em risco a saúde dos celíacos que confiam nesses rótulos.

Não são apenas os celíacos que precisam ter cuidado no consumo de glúten, pessoas com o diagnóstico de doença herpetiforme também possuem uma reação do sistema imunológico ao glúten. É uma doença crônica, autoimune e bolhosa da pele que se manifesta com erupções na pele, que afetam áreas como

cotovelos, joelhos, nádegas, costas e couro cabeludo.

Panorama UFCSPA: O que é preciso para se produzir uma linha de alimentos e afirmar 100% a inexistência de glúten nos mesmos?

Profa. Tiffany: Para produzir alimentos e afirmar 100% a inexistência de glúten, são necessárias medidas rigorosas em todas as etapas da fabricação daquele produto:

- Utilizar ingredientes de fornecedores que possam comprovar a ausência de glúten em suas matérias-primas, apresentando laudos e certificados de análise.
- A instalação de produção deve ser totalmente separada e dedicada exclusivamente a alimentos sem glúten para eliminar o risco de contaminação cruzada aérea ou por equipamentos.
- Protocolos de limpeza e sanitização extremamente rigorosos devem ser implementados para todos os equipamentos e superfícies.
- A equipe de produção deve utilizar uniformes específicos para esse fim e todo o pessoal envolvido na produção deve ser treinado sobre os riscos da contaminação cruzada por glúten e as práticas de segurança alimentar específicas para produtos sem glúten.

Panorama UFCSPA: É verdade que alguns tipos de adoçantes incluem açúcar em suas fórmulas e podem ser desaconselhados para diabéticos?

Profa. Tiffany: Os adoçantes são substâncias utilizadas para conferir sabor doce aos alimentos e bebidas, geralmente como substitutos do açúcar. Eles podem ser de origem natural ou sintética, possuem um poder adoçante muito maior que o açúcar comum, necessitando de quantidades mínimas para o mesmo nível de doçura, e, em muitos casos, por fornecerem poucas ou nenhuma caloria. A busca por adoçantes intensificou-se devido às preocupações com o consumo excessivo de açúcar e suas implicações na saúde, como diabetes, obesidade e cáries dentárias. Alguns tipos de adoçantes, especialmente os adoçantes culinários ou em pó, podem incluir junto com os adoçantes, açúcares em suas fórmulas. A presença desses açúcares rapidamente absorvíveis pode, sim, afetar os níveis de glicose no sangue de diabéticos comprometendo o controle glicêmico. Baseado nisso, é importante observar os ingredientes que compõem aquele adoçante. ■

Recomendações para pessoas com alergias ou restrições alimentares na leitura dos rótulos dos alimentos

• Lista de Ingredientes: ler a lista completa de ingredientes, mesmo em produtos que compre com regularidade. As formulações podem mudar.

• Declaração de Glúten, Lactose e Alergênicos: verificar se existe uma declaração de "CONTÉM GLÚTEN", "CONTÉM LACTOSE", "ALÉRGICOS: CONTÉM LEITE, OVOS, SOJA", etc.

• Observar os termos: cuidar com o uso de termos como "natural", "saudável", "integral", "artesanal" ou mesmo "diet" e "light". Essas palavras não significam necessariamente

"sem glúten", "sem lactose" ou "sem açúcar". O marketing pode ser enganoso.

• Informações no site e contato com a empresa: visitar o site da empresa. Pode haver informações sobre práticas de controle de alergênicos, instalações e testes de produtos. Além disso, contatar o serviço de atendimento ao consumidor da empresa para obter esclarecimentos sobre ingredientes ou processos de fabricação.

• Cuidado com produtos a granel: alimentos a granel ou comercializados

por peso em supermercados, restaurantes ou padarias são de alto risco para contaminação cruzada, mesmo que os ingredientes principais não contenham o alergênico.

• Atenção com alimentos vendidos prontos: no caso alimentos prontos vendidos por restaurantes, ou outros serviços de alimentação, pode haver ingredientes que contêm o alergênico sem que o consumidor esteja ciente. Os clientes com restrições alimentares devem ler com atenção o cardápio e perguntar ao estabelecimento os ingredientes utilizados na preparação.



O caminho das pesquisas científicas às diretrizes oficiais

Professores da UFCSPA explicam como os diferentes tipos de pesquisa embasam a atualização de recomendações na área da saúde

Por José Leal

Em um dia, surge na imprensa a notícia de que determinado alimento faz bem para a saúde; no seguinte, manchetes alertam que aquele mesmo item pode ser prejudicial. Tratamentos para determinadas doenças viralizam em um primeiro momento nas redes sociais, apenas para serem desaconselhados pouco tempo depois. Nesse jogo de contradições, o público leigo se pergunta: por que as orientações oficiais em saúde mudam, e como a ciência realmente sustenta aquilo que vira diretriz?

Para o professor da UFCSPA Airton Stein, especialista em epidemiologia clínica, a base dessa resposta está na capacitação do profissional de saúde na análise crítica do conhecimento, inclusive para saber identificar o tipo de delineamento adequado para cada tipo de pergunta clínica. Quando o objetivo é saber se determinada intervenção, seja um medicamento ou procedimento, é eficaz e segura, só o ensaio clínico randomizado — verdadeiro padrão-ouro

— pode fornecer evidências robustas. Já para investigações sobre causas e fatores de risco de doenças, o estudo de coorte ou, em situações específicas, o caso-controle, tornam-se a ferramenta adequada. Stein ressalta que uma série de casos não deve ser utilizada para decidir condutas, mas é importante para reconhecer sinais clínicos, levantar hipóteses e orientar a vigilância em condições novas ou raras.

Ao identificar as melhores evidências para a tomada de decisões clínicas, os profissionais de saúde avaliam a qualidade das informações científicas disponíveis - provenientes de revisões sistemáticas - juntamente com os valores e preferências dos pacientes, a experiência clínica e a disponibilidade de recursos para formular os planos de manejo transparentes e factíveis. (Confira box nas páginas 8 e 9).

A transição da evidência para sua implementação como diretriz implica considerar muito mais do que dados brutos. O modelo *Evidence to Decision (ETD)*, segundo Stein, obriga a equilibrar benefícios e danos das

intervencções, além de avaliar custos, viabilidade prática, equidade no acesso e aceitação por parte da população. Por isso, a criação de diretrizes clínicas exige a participação de um painel plural: especialistas, gestores de saúde, pacientes e representantes de outros segmentos relevantes são chamados a opinar. “Hoje, não se faz diretriz sem ouvir o usuário final”, enfatiza o professor.

Para classificar a qualidade das recomendações, adota-se mundialmente a plataforma *GRADE (Grading of Recommendations Assessment, Development and Evaluation)*. Utilizada por instituições como o Ministério da Saúde, a Organização Mundial da Saúde e sociedades médicas internacionais, essa metodologia determina se uma recomendação é ‘forte’ — devendo ser seguida quase automaticamente — ou ‘fraca’, caso em que exige decisão compartilhada entre médico e paciente. Nesse aspecto, Airton Stein usa o exemplo do uso de aspirina após infarto — respaldado por evidências tão sólidas que não admite muita discussão —, em contraste com tratamentos para demência,

cujos benefícios são incertos e, por isso, a escolha do tratamento deve ser dialogada com o paciente. No Brasil, a regulamentação das diretrizes se dá, principalmente, pela Conitec (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS), que publica os chamados Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas. Stein destaca a diferença conceitual entre diretriz e protocolo: a primeira voltada para profissionais de nível superior, exigindo raciocínio clínico mais elaborado; o segundo, para profissionais de nível médio, define procedimentos técnicos padronizados.

O professor ainda chama atenção para um aspecto central do debate sobre comunicação em saúde: o risco de desinformação não está restrito à população leiga ou à circulação de boatos por redes sociais e aplicativos de

mensagens. O perigo também ronda dentro do próprio campo profissional, com a influência indevida da indústria farmacêutica na conduta dos profissionais de saúde. O docente exemplifica a situação com a visita de representantes de laboratórios para promover novos medicamentos: “Isso influencia na conduta do médico, muitas vezes levando à prescrição baseada em interesse comercial e não na melhor evidência disponível”.

Stein reforça que a transparência é indispensável, não só na relação com o público geral, mas também entre especialistas e pesquisadores. Ele defende que todos devem declarar conflitos de interesse, inclusive de ordem financeira ou acadêmica, já que nem mesmo profissionais de referência estão isentos de pressões externas. “Todo mundo tem algum conflito de interesse, e deixar isso claro é obrigação”, sublinha.

Para enfrentar essas armadilhas, o professor aponta que apenas processos metodológicos rigorosos e abertos podem conferir credibilidade às recomendações em saúde, minimizando a influência de interesses alheios à ciência e protegendo tanto a população quanto os profissionais de práticas inadequadas ou inseguras.

Processos esses que não podem ser apressados, segundo Stein. Ele calcula que, para uma diretriz bem estruturada e plenamente confiável, o tempo de elaboração gira em torno de dois anos, dada a quantidade de etapas envolvidas: definição do escopo, busca e avaliação das evidências, formulação de recomendações, redação, qualificação, implementação e monitoramento. “Não há atalhos para o conhecimento de qualidade”, afirma. ■

IMAGEM: INGIIMAGE



Os principais tipos de pesquisa em saúde

>> Ensaio clínico randomizado

Os ensaios clínicos randomizados são considerados o padrão-ouro para avaliar a eficácia de tratamentos ou estratégias de prevenção em saúde. "É o tipo de estudo que consegue diminuir mais a quantidade de vieses, conhecidos e desconhecidos", explica a professora Lucia Pellanda. Isso ocorre porque, ao sortear aleatoriamente os participantes para diferentes grupos, o ensaio garante que esses grupos sejam semelhantes logo no início da pesquisa: enquanto um deles recebe o tratamento em estudo, o outro recebe um comparador, que pode ser outro tratamento ou um placebo.

No entanto, ela ressalta que nem sempre é possível realizar esse tipo de estudo devido a questões éticas. "O ensaio clínico randomizado só pode ser feito quando acreditamos que aquela intervenção vai ser benéfica, mas também ao mesmo tempo não temos certeza", explica.

Ou seja, se houver a suspeita de que a intervenção poderá causar prejuízo, não é ético submeter voluntários a esse risco. Da mesma forma, se já for comprovado que uma intervenção é muito eficaz, também não seria correto privar o grupo de controle desse benefício.

A professora ressalta que o termo "intervenção" engloba uma ampla variedade de ações, dentro e fora do contexto clínico: pode ser um medicamento, um procedimento, uma cirurgia, uma orientação de enfermagem, recomendações sobre atividade física, dieta ou qualquer outra ação proposta pelo pesquisador com o objetivo de testar seus efeitos. "O componente central do ensaio clínico randomizado é o sorteio, que define quem receberá cada intervenção, tornando o estudo mais seguro e confiável para apontar resultados sobre a efetividade da intervenção", destaca.

>> Estudo de coorte

O estudo de coorte é uma metodologia utilizada quando não é possível realizar intervenções diretas sobre os participantes da pesquisa. "Em um estudo, eu não posso sortear pessoas para ficarem sedentárias, fumarem, adotarem algum hábito danoso à saúde. Isso seria absurdo e antiético", exemplifica Lucia.

Nesses casos, o pesquisador acompanha o desenrolar dos fatos no mundo real, sem interferir nas escolhas dos indivíduos. "Posso ver pessoas que fumam e pessoas que não fumam, acompanhar essas pessoas ao longo do tempo e ver se elas vão desenvolver doença cardíaca ou outras doenças, comparando com quem não fuma", detalha.

O estudo de coorte, portanto, observa um grupo ao longo do tempo para investigar possíveis associações entre exposições (como fumar) e desfechos (como o surgimento de doenças).

Ela também ilustra com um exemplo de saúde pública, combinando estudo de coorte com estudo transversal: "Uma população está enfrentando uma enchente e é preciso avaliar quem teve contato com água, quem não teve, e avaliar os casos de leptospirose, por exemplo, nesses dois grupos". Ou seja, esse tipo de estudo também serve para comparar grupos expostos e não expostos para analisar a ocorrência de determinado desfecho.

Tipo de delineamento para cada enfoque clínico

Enfoque	Tipo de delineamento
Etiologia	Estudo de Coorte ou Caso-controle
Diagnóstico	Estudo de acurácia (Estudo Transversal)
Tratamento/ Preventivo	Ensaio Clínico Randomizado
Prognóstico	Coorte

>> Estudo de caso

O estudo de caso, explica Lucia, é uma abordagem bastante simples dentro da pesquisa em saúde. "Não consideramos como uma evidência muito forte. O estudo de caso é simplesmente a descrição de um caso diferente, algo muito específico que aconteceu e então descrevemos aquele caso para que as pessoas comecem a perceber e ficar mais atentas", destaca. A notificação do primeiro caso de Aids, no início dos anos 1980, e do primeiro caso de Covid-19 são exemplos de objetos desse tipo de estudo.

Ela reforça que, do ponto de vista da força da

evidência científica, o estudo de caso "geralmente não é considerado" como um tipo de pesquisa robusta. Por outro lado, Lucia diferencia o estudo de caso do estudo de caso-controle, este sim considerado mais relevante, sobretudo para doenças raras. "Se uma doença for muito rara, digamos uma doença de um em um milhão, preciso acompanhar dois milhões de pessoas e só vou encontrar dois casos daquela doença. Então eu faço o contrário: pego pessoas que já têm a doença e comparo com pessoas sem a doença para avaliar uma exposição que aconteceu no passado", detalha.

>> Revisão sistemática

A revisão sistemática é uma ferramenta essencial na pesquisa em saúde, cujo objetivo é reunir e avaliar, de forma crítica e abrangente, todos os estudos disponíveis - publicados e não publicados - sobre uma determinada questão. Essa busca pode incluir artigos encontrados em sites, congressos, dissertações, entre outras fontes. O propósito é separar o que tem evidência robusta daquilo que ainda é especulativo, fornecendo assim recomendações fundamentadas para prática clínica e políticas públicas.

Lucia ilustra essa importância com uma analogia: "Revisão sistemática é como fazer torta de maçã. Se colocar uma maçã estragada, estraga a torta. Por isso,

é preciso avaliar os métodos de cada artigo de uma forma padronizada. Ou seja, olhar cada maçã e não só atirar tudo na torta. Não tem isso, não é revisão sistemática." Ela alerta contra a seleção enviesada dos estudos: "Não dá para escolher só alguns artigos e deixar os demais de fora.

Além disso, a professora salienta a importância da transparência. "Uma revisão sistemática precisa ter métodos bem descritos, justamente para sabermos se é mesmo sistemática. Precisa haver transparência. Antes de olhar os resultados, olhe sempre os métodos. Antes de provar a torta, pergunte sobre os ingredientes", compara.



Como CPC e Enade moldam o ensino nas universidades públicas

Avaliações nacionais fornecem dados essenciais sobre desempenho acadêmico, infraestrutura e formação docente, orientando estratégias institucionais e políticas de melhoria na educação superior pública

Ao longo dos últimos anos, a UFCSPA tem mantido um desempenho consistente e de destaque no Conceito Preliminar de Curso (CPC), indicador que avalia a qualidade dos cursos superiores no Brasil. Desde 2007, os cursos tradicionais da instituição, como Medicina, Biomedicina e Nutrição, frequentemente atingiram notas entre 4 e 5 – patamares considerados de excelência pelo Ministério da Educação. A evolução do CPC revela uma trajetória de estabilidade e qualidade, com cursos como Fonoaudiologia, Fisioterapia e Enfermagem também apresentando avaliações elevadas a partir de suas datas de implantação.

Entre os destaques mais recentes, Medicina registrou nota máxima (5) em 2007 e manteve conceito 4 nos ciclos seguintes, repetindo o 4 em 2023. Biomedicina Diurna alcançou nota 5 em 2010 e manteve-se estável com conceito 4 nos anos posteriores. Nutrição, por sua vez, oscilou entre conceitos 4 e 5, sempre acima da média nacional. Fonoaudiologia obteve conceito 5 em 2010 e 2013, e conceito 4 nos anos seguintes. Cursos mais novos, como Química Medicinal e Biomedicina Noturna, também conquistaram conceito 4 em suas avaliações mais recentes. Além do CPC, o Exame

Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) também é um termômetro relevante para avaliar a qualidade da formação dos alunos ao longo dos anos. Parte do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior é realizado a cada três anos, o Enade é obrigatório para os estudantes concluintes dos cursos avaliados, que precisam realizar a prova e responder a um questionário para poder colar grau e receber o diploma.

Os resultados do Enade, que variam de 1 a 5, mostram que os cursos tradicionais da instituição, como Medicina, Biomedicina e Nutrição, frequentemente alcançam conceitos elevados ao longo dos anos. Em 2007, Medicina conquistou nota máxima (5), desempenho que se repetiu em 2023. Biomedicina Diurna também se destacou, atingindo conceito 5 em 2010 e mantendo-se com notas 4 e 5 nos ciclos seguintes. Nutrição, por sua vez, oscilou entre conceitos 4 e 5, sempre acima da média nacional.

Cursos como Fonoaudiologia e Fisioterapia também apresentam trajetória de destaque, com Fonoaudiologia recebendo nota 5 em 2010, 2013, 2016, 2019 e 2023, e Fisioterapia mantendo conceitos 5 em todas as avaliações desde 2013. Novas

graduações, como Química Medicinal e Biomedicina Noturna, rapidamente alcançaram conceito 5 em suas avaliações mais recentes.

Impacto das avaliações

Para Nara Maria Emanuelli Magalhães, secretária de Avaliação Institucional da UFRGS, instrumentos como o CPC e Enade são essenciais para o diagnóstico do ensino superior no Brasil: “A sua importância está relacionada ao fato de que é a partir da prova do Enade e do cálculo do CPC que se pode comparar cursos de uma mesma área em todas as instituições de ensino superior do país, incluindo públicas e privadas”. Assim, o Enade, ao avaliar o desempenho dos estudantes, e o CPC, ao agregar diferentes dimensões do ensino, tornam-se referências para o acompanhamento da qualidade acadêmica.

O protagonismo das universidades federais nos rankings do MEC, segundo Nara, não é fruto do acaso. “As federais têm sido melhor avaliadas porque os indicadores utilizados medem, além do desempenho dos estudantes, também a titulação do corpo docente e o regime de trabalho dos mesmos”, explica.

Na UFRGS, por exemplo, “a maioria do corpo docente tem titulação de doutorado e regime de trabalho de dedicação exclusiva”. Ela ressalta ainda que o tripé ensino, pesquisa e extensão está fortemente articulado, envolvendo a comunidade interna e externa: “A qualidade do ensino, da produção científica e da relação com a sociedade se reflete nesses resultados.”

Sobre o alcance do CPC, Nara destaca que o indicador é composto por múltiplas variáveis: “Para o cálculo do CPC entram variáveis como a qualificação do corpo docente, o resultado da prova do Enade e também do IDD (Indicador de diferença entre o desempenho observado e esperado)”. Ela acrescenta que aspectos como organização pedagógica, infraestrutura e oportunidades de pesquisa e extensão também são considerados. “Por se tratar de variáveis bastante abrangentes, consideramos que esse indicador consegue captar a qualidade dos cursos, uma vez que é uma média que inclui todas as instituições do país, incluindo públicas e privadas”, pondera.

Outro ponto fundamental, acrescenta, é o impacto direto dos resultados no planejamento institucional das universidades: “O planejamento da UFRGS considera os resultados das avaliações externas e internas para executar as melhorias necessárias”. Nara detalha que os resultados positivos indicam sintonia entre a autoavaliação institucional e os critérios do MEC, enquanto eventuais fragilidades são analisadas em diálogo com a comunidade universitária. “Os problemas relacionados à organização didático-pedagógica devem

incluir a escuta à comunidade universitária, em especial aos estudantes, de modo a planejar as devidas atualizações e ajustes”, salienta, destacando que, mesmo diante das limitações orçamentárias, os dados das avaliações orientam ajustes curriculares e investimentos, sempre com o objetivo de aprimorar a qualidade do ensino.

Reflexos na UFCSPA

No cotidiano institucional da UFCSPA, a análise dos resultados do CPC e do Enade ocupa papel central no planejamento dos cursos. A pró-reitora de Graduação Marilu Fiegenbaum destaca que os indicadores, compostos por múltiplas dimensões como qualificação do corpo docente, desempenho dos estudantes e infraestrutura, ajudam a universidade a identificar conquistas consolidadas e pontos onde ainda há espaço para avanços.

A gestora destaca que a construção e atualização dos Projetos Pedagógicos dos cursos devem ser alinhados ao Projeto Pedagógico Institucional, ao Plano de Desenvolvimento Institucional e às diretrizes curriculares nacionais, entretanto o olhar sobre os indicadores também direciona os esforços da instituição. “As últimas avaliações nos permitiram verificar que, embora a UFCSPA tenha excelência acadêmica em muitos aspectos, alguns itens não são devidamente registrados. Essa é uma mudança que vem sendo implementada pela Prograd, alinhada às demais pró-reitorias e setores da universidade”, detalha.

Além do planejamento dos cursos, os ciclos avaliativos também são refletidos na formação e atualização do corpo docente: “A formação continuada dos professores é um dos quesitos do instrumento de avaliação dos cursos e é de suma importância para a atualização pedagógica do corpo docente institucional”.

Marilu explica que as avaliações in loco promovidas pelo Ministério da Educação, como as ocorridas no primeiro semestre nos cursos de Física Médica, Informática Biomédica e Medicina, serviram de base para a discussão de futuras melhorias. “A partir dos pontos levantados, foi produzido um relatório que está sendo discutido com diferentes setores, em especial com a Coordenação de Inovação Pedagógica, para que ações de melhoria sejam propostas”, esclarece.

Quanto ao Enade, a universidade desenvolve iniciativas específicas para engajar seus estudantes concluintes. “As coordenações de curso, juntamente com a Prograd, fazem reuniões com os alunos para explicar a importância da participação e do compromisso que os mesmos devem ter com esta etapa de sua formação”, relata a pró-reitora.

Ela enfatiza que a participação no exame e no questionário do estudante é obrigatória e acompanhada de perto pelas coordenações. “O cronograma detalhado é mostrado aos estudantes que serão inscritos no exame e a coordenação do curso fica responsável por fazer o acompanhamento das etapas de inscrição dos concluintes e também a efetiva participação”, explica. ■

Uma obra pensada na jornada dos futuros profissionais de saúde

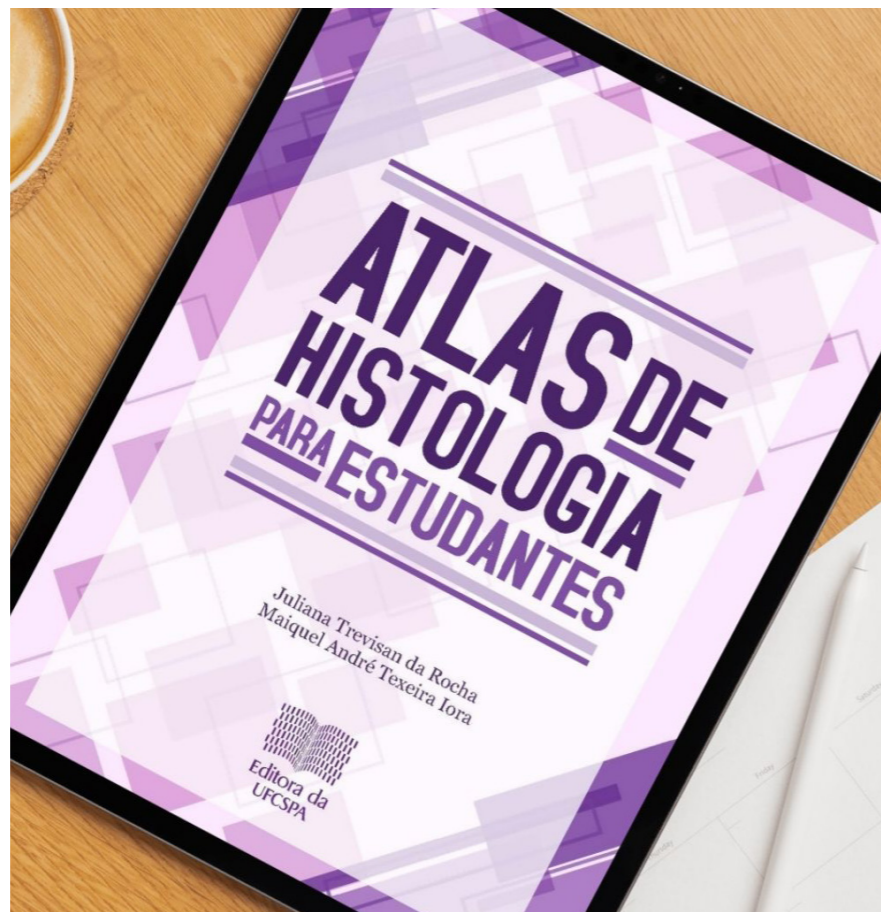
Atlas de Histologia para Estudantes foi elaborado a partir de um trabalho conjunto entre docente e aluno da Medicina

A Editora da UFCSPA lançou em maio o **Atlas de Histologia para Estudantes**, uma obra produzida pela professora Juliana Trevisan da Rocha, especialista em histologia, e pelo médico formado na Federal da Saúde Maiquel André Teixeira Iora. O livro oferece imagens inéditas e textos orientadores para estudantes da área da saúde a partir de registros fotográficos feitos no Laboratório de Técnicas Histológicas da UFCSPA.

A motivação para o desenvolvimento do Atlas nasceu a partir de um olhar atento às necessidades dos alunos. “A ideia da criação do Atlas partiu do Maiquel, que na época era acadêmico do curso de Medicina da UFCSPA e havia acabado de cursar a disciplina. Nós conversamos bastante sobre o fato de que a Histologia é uma disciplina que demanda muito da memória visual dos estudantes e, com isso, decidimos escrever um projeto e submetê-lo ao edital de iniciação à docência”, conta a professora Juliana. O objetivo inicial era simples: criar um material com fotos de boa qualidade das lâminas histológicas, auxiliando alunos nas aulas práticas.

A concepção do Atlas também remonta ao desafio comum entre os estudantes quando apresentados aos conteúdos da área. Maiquel recorda: “A motivação se originou pela minha dificuldade pessoal, percebendo que era difícil memorizar os padrões das lâminas histológicas. O material utilizado até então para referência ajudava, mas era incompleto, insuficiente para um estudo adequado”. O projeto se consolidou ao ser levado à professora Juliana, que viu potencial na criação de um recurso visual e didático inovador. Depois de ser apresentado em um congresso, o material ganhou corpo e identidade para uma publicação autoral.

O diferencial do Atlas está no detalhamento do processo de observação das lâminas: “Para cada uma das lâminas que são utilizadas durante as aulas práticas, fizemos fotos escalonadas nos aumentos de 40, 100, 400 e, em alguns casos, 1.000 vezes para um maior detalhamento quando necessário”, explica Juliana. O livro



ainda traz textos explicativos e espaços destinados para que o estudante faça suas anotações, simulando a experiência prática do laboratório e promovendo autonomia nos estudos.

A obra também reforça o papel essencial da histologia para a formação básica dos profissionais da saúde. “A Histologia é um exemplo do que chamamos de ‘disciplina básica’ e, juntamente com a Anatomia e a Embriologia, ela integra o rol de disciplinas morfológicas. Na minha visão, a Histologia ensina também a ter foco e paciência”, afirma a professora.

Para Maiquel, a relevância da disciplina se aprofunda ao longo dos anos: “Enquanto

aluno do 1º ano da formação, o estudo parece um tanto abstrato, pois não se tem ideia da importância da disciplina. Entretanto, ao longo da formação acadêmica vamos retomando a abordagem de conceitos fundamentais. Sem o estudo da Histologia não é possível aprender ou exercer a Medicina”.

Além do conteúdo didático, o Atlas expressa a valorização do acervo e da equipe do Laboratório de Técnicas Histológicas. “Sem a existência do Laboratório e de seu acervo de lâminas não teria sido possível a criação do livro. Tanto melhor é a biblioteca quanto maior e mais diversificada for sua coleção de livros”, compara Juliana. ■



O Atlas de Histologia está disponível gratuitamente na página da Editora da UFCSPA

Lançado em 2024, o curso de especialização em **Gastronomia Cultural: Temas do Campo à Mesa** é uma iniciativa conjunta da UFCSPA e Universidade Federal do Rio Grande do Sul visando trabalhar com as interfaces entre gastronomia e agricultura em suas múltiplas dimensões, levando em conta a importância da sociobiodiversidade e de conhecimentos de populações e povos tradicionais. Como forma de ilustrar a importância de parcerias entre universidades federais, o Panorama UFCSPA dedica este espaço a uma matéria publicada na mídia institucional da UFRGS, o Jornal da Universidade. Confira!

Do pé da araucária ao prato: o pinhão como elo entre cultura e memória

A professora aposentada Clara Dias compartilha receita de farofa de pinhão cujos ingredientes unem sociobiodiversidade e lembranças de infância

Agente nem sempre percebe, mas há alimentos que carregam mais do que nutrientes. Eles guardam histórias, encontros, cheiros e afetos. Foi assim que nasceu a receita da Farofa de Pinhão, criada por Clara Dias, aluna do curso de especialização em Gastronomia Cultural, do Polo de Porto Alegre, nascida em Maquiné (RS) — uma cidade abraçada pela Reserva da Biosfera da Mata Atlântica — e hoje moradora do Balneário Gaivota, no extremo sul de Santa Catarina. Clara é professora por vocação, mas aceitou o chamado do coração para

estudar Gastronomia Cultural. Hoje, aposentada, atua como facilitadora de Círculos de Construção de Paz e encontrou na culinária uma forma de continuar cuidando das pessoas. Para ela, preparar uma receita é também cultivar vínculos com o passado e com a terra. “O pinhão representa uma memória viva da minha infância. É um ingrediente que fala de afeto, de encontros, de pertencimento”, conta. Mas o pinhão é mais do que lembrança. Ele é um alimento da sociobiodiversidade brasileira

— semente da araucária, árvore nativa da Floresta com Araucária, símbolo do sul do país. A Mata com Araucária é um dos ecossistemas da Mata Atlântica que ocorre em áreas de altitude no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Utilizá-lona alimentação cotidiana — especialmente agora, em plena safra — é também um gesto de valorização cultural. “Ao unir o pinhão com a farinha de mandioca, que nunca faltava na nossa mesa, eu trouxe o conforto de uma comida simples, mas cheia de sentido”, completa Clara.

Farofa de Pinhão

Ingredientes

- ½ xícara de cebola roxa picada (20g)
- ½ xícara de tomate picado (20g)
- 1 xícara de farinha de mandioca (150g)
- 10 unidades de pinhão inteiro (80g)
- ½ xícara de pinhão picado (80g)
- ½ xícara de castanha de caju (25g)
- ½ xícara de milho salgado (17g)
- 2 dentes pequenos de alho (2g)
- 1 colher de sopa de salsa picada
- Sal e pimenta-do-reino a gosto

Modo de preparo

1. Cozinhe os pinhões com sal por cerca de 45 minutos após pegar pressão. Reserve.
 2. Descasque os pinhões: separe 10 inteiros e fatie o restante.
 3. Toste a farinha de mandioca em uma frigideira. Reserve.
 4. Refogue a cebola, o alho e o tomate com um fio de óleo. Adicione os pinhões inteiros e picados.
 5. Quando tudo estiver levemente dourado, adicione a farinha, o milho tostado e a castanha de caju. Misture bem.
 6. Desligue o fogo, finalize com salsa e ajuste os temperos.
- Essa farofa é uma celebração da cultura alimentar do Sul e dos laços que o alimento constrói. É memória que vira prato, tradição que vira afeto. E, como Clara nos mostra, é também uma forma de manter viva a relação com a natureza — de onde tudo começa.



A seção SocioBioCotidiano tem curadoria de Sandreli Bandeira, Tatiana Miranda e Gabriela Coelho-de-Souza. Confira a íntegra do texto em:





UFCSPA Acolhe

Com mais de 100 atividades gratuitas e abertas ao público, vivencie a experiência de estudar na única universidade federal do Brasil especializada na área da saúde.

SÁBADO, DIA 27 DE SETEMBRO | DAS 9H ÀS 16H

Arena UFCSPA

ESPAÇO DE VIVÊNCIAS

UFCSPA Kids

ESPAÇO E ATIVIDADE PARA AS CRIANÇAS

Inova UFCSPA

TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA E IMPACTO SOCIAL

Feira de Profissões

GRADUAÇÃO, RESIDÊNCIAS, ESPECIALIZAÇÕES, MESTRADO E DOUTORADO

Parcerias institucionais

AÇÕES COM REDES DE PARCEIROS

Central de Informações

SISU, AUXÍLIOS ESTUDANTIS E EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS

Circuito do Conhecimento

GRUPOS, LIGAS, LABORATÓRIOS E PROJETOS



Veja a programação completa em ufcspa.edu.br/acolhe e participe!

 @UFCSPAoficial

   @UFCSPA



UFCSPA
A FEDERAL DA SAÚDE

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
Rua Sarmento Leite, 245 - Centro Histórico - Porto Alegre/RS

ÚNICA UNIVERSIDADE FEDERAL ESPECIALIZADA EM SAÚDE